**Economia Solidária: passos firmes a construção de uma nova economia**

**Dimas Gonçalves**

Já há muito tempo ouvimos críticas de companheiros sobre a fragilidade conceitual e até estrutural da economia solidária. Eu chamaria até de “fogo amigo”, mas compreendemos as observações. Destaco que a maioria das críticas recaem, principalmente, dos nossos colegas das universidades, preocupados, a bem da verdade, com o caráter produtivo e/ou econômico dos empreendimentos sob essa chancela.

Algumas acusações se estruturam na perspectiva que a economia solidária existir somente em momentos de crise do mercado de trabalho. Acreditam que os empreendimentos econômicos solidários (EES)somente prosperam em momentos em que o desemprego é ascendente, pois muitos o tratam como complemento de renda (bicos) e não processos contínuos de produção e geração de renda.

Outra crítica é quanto a precarização do trabalho por se tratar, ainda, que a informalidade ainda é muito presente. O que não deixa de ser verdade. Segundo pesquisas do DIEESE (2016) em conjunto com o Observatório de Economia Solidária e do Cooperativismo a metade dos EES são informais, principalmente no meio urbano. Além, da baixa remuneração dos participantes desses empreendimentos, que na maioria (área urbana, mais uma vez) não chegam a 50% do salário-mínimo.

Nas cidades, a Economia Solidária, avançou, com certeza, no setor de coleta seletiva e reciclagem, na sua maioria formalizados e conquistando, a cada dia, contratos junto às prefeituras municipais. Fruto da Lei Federal 12.305/2010 que obriga o ente público municipal à destinar 100% dos materiais recicláveis para cooperativas populares e/ou associação de catadores. Isso é lei, mas poucos sabem dessa exigência. Inclusive aqueles que nos criticam. Mais informações entrem no [www.mncr.org.br](http://www.mncr.org.br) e vejam as notícias. E se quiserem conhecer mais de perto deem um pulinho em Campinas e conheçam as experiências das cooperativas populares, entre elas a RECICLAMP – uma cooperativa de segundo nível que congrega 4 outras cooperativas com a missão de comercializar os materiais de forma centralizada - <https://www.facebook.com/Reciclamp-1144188455676334/>. Outra coisa, essas atividades são desenvolvidas desde 2002 tanto em Campinas como em várias cidades pelo país.

Diga-se, de passagem, que não é só as cooperativas de coleta seletiva e reciclagem que podemos exemplificar no meio urbano. Temos também, as cozinhas comunitárias, as padarias comunitárias que se espalham por todo o território nacional. Acompanhamos de perto as iniciativas do CEFURIA (Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo) de Curitiba que vem trabalhando com 10 grupos de padarias comunitárias. Essa iniciativa tem origem nas paróquias da Igreja Católicas da Arquidiocese de Curitiba. Isso há mais de 15 anos. Também, vem de Curitiba, o exemplo de uma central de distribuição de alimentos orgânicos e agroecológicos – organização do Movimento Sem Terra do Paraná que atende até a alimentação escolar do Estado, além da comercialização de cestas de alimentos naturais. Começaram com a entrega de 100 cestas mensais no início de 2020 e hoje (fevereiro de 2022) comercializam mais de 250 cestas por semana. Podemos ainda agregar a Cooperativa Girasol de Porto Alegre RS (Rede de Economia Solidária Feminista) que comercializa, em média, mais de 400 cestas de alimentos por semana. Além das vendas no varejo que crescem a cada dia. Em Mossoró (RN) temos a Rede Xique-xique de produção e comercialização de alimentos e artesanato; na Bahia/Salvador a CESOL – na comercialização de artesanato instalados em 4 shoppings center da cidade. No Centro-Oeste, mais especificamente, em Brasília fica a Central do Cerrado – distribuidora de alimentos típicos do Cerrado. Em síntese, a comercialização de produtos naturais, orgânicos e agroecológicos tem se constituído como uma marca da Economia Solidária. Mais precisamente o que chamamos de um “ecossistema da economia solidária”, segundo o conceito construído pelo professor Miguel Juan Bacic – I.E./Unicamp.

Mas é do campo que nascem e florescem nossas esperanças de uma nova economia solidária. Contamos hoje (2022) com a UNICAFES (fundada em 2005) – União Nacional de Cooperativas da Agricultura Familiar em Economia Solidária, a CONGRAB (fundada em 1992) – Confederação Nacional das Cooperativas de Reforma Agrária e a UNISOL (fundada em 2000) – nossa central de cooperativas de economia solidária. Juntas fundaram, mais a Unicatadores a UNICOPAS (fundada em 2014). Que somam juntas mais de 10 mil empreendimentos sob os princípios da economia solidaria.

Paul Singer já nos dizia: “A economia solidária acontece, independente dos apoios. Os trabalhadores se organizam em uma nova economia”.